

EM FOCO

DRAMATIZAÇÃO SOBRE MONUMENTOS COLONIAIS E PRÁTICAS DECOLONIAIS

*DRAMATIZATION ON COLONIAL MONUMENTS
AND DECOLONIAL PRACTICES*

*DRAMATIZACIÓN SOBRE MONUMENTOS
COLONIALES Y PRÁCTICAS DESCOLONIALES*

DUDA WOYDA

WOYDA, Duda. Dramatização sobre monumentos coloniais e práticas decoloniais. Repertório, Salvador, ano 27, n.41, p.1-22, 2025.1

DOI: 10.9771/rv101.69353

RESUMO

Dramatização sobre monumentos coloniais e práticas decoloniais, parte da proposta teórico-metodológica da desmontagem queer do monumental (Thürler, 2023) para refletir criticamente sobre as disputas simbólicas em torno da memória e da história. Tomando como ponto de inflexão a morte de George Floyd, em 2020, e a subsequente onda global de contestação a monumentos coloniais – com episódios registrados em países como Estados Unidos, Reino Unido, Bélgica e Brasil –, o trabalho propõe uma ficcionalização dramatúrgica a partir do incêndio da estátua do bandeirante Borba Gato, ocorrido em São Paulo, em 2021. Através de uma troca de mensagens entre três personagens femininas em um grupo de WhatsApp, constrói-se uma narrativa não canônica, que tensiona práticas normativas e questiona convenções da escrita acadêmica. Ao adotar uma estética dramatúrgica e ensaística, o texto visa tanto propor novas formas de produção de conhecimento quanto discutir criticamente os legados da história colonial e as possibilidades de emancipação simbólica e política dos sujeitos subalternizados no presente.

PALAVRAS-CHAVE:

Teoria queer.
Estética decolonial.
Monumentalidade.
Ficção política. Escrita
acadêmica.

ABSTRACT:

A dramatization about colonial monuments and decolonial practices, this work is based on the theoretical-methodological approach of queer dismantling of the monumental to critically reflect on symbolic disputes surrounding memory and history. Taking as a turning point the death of George Floyd (in 2020) and the subsequent global wave of protests against colonial monuments—with episodes recorded in countries such as the United States, the United Kingdom, Belgium, and Brazil—the work proposes a dramaturgical fictionalization of the burning of the statue of bandeirante Borba Gato, which occurred in São Paulo (in 2021). Through an exchange of messages between three female characters, a non-canonical narrative is constructed, challenging normative practices and questioning conventions of academic writing. By adopting a dramaturgical and essayistic aesthetic, the text aims to both propose new forms of knowledge production and critically discuss the legacies of colonial history.

KEYWORDS:

Queer theory.
Decolonial aesthetics.
Monumentality. Political
fiction. Academic writing.

RESUMEN:

Esta dramatización sobre monumentos coloniales y prácticas decoloniales se basa en el enfoque teórico-metodológico del desmantelamiento queer de lo monumental (Thürler, 2023) para reflexionar críticamente sobre las disputas simbólicas en torno a la memoria y la historia. Tomando como punto de inflexión la muerte de George Floyd en 2020 y la posterior ola global de protestas contra los monumentos coloniales —con episodios registrados en países como Estados Unidos, Reino Unido, Bélgica y Brasil—, la obra propone una ficcionalización dramatúrgica de la quema de la estatua del bandeirante Borba Gato, ocurrida en São Paulo en 2021. A través del intercambio de mensajes entre tres personajes femeninos en un grupo de WhatsApp, se construye una narrativa no canónica que desafía las prácticas normativas y cuestiona las convenciones de la escritura académica. Mediante una estética dramatúrgica y ensayística, el texto busca proponer nuevas formas de producción de conocimiento y analizar críticamente los legados de la historia colonial y las posibilidades de emancipación simbólica y política de los sujetos subalternizados en el presente.

PALABRAS CLAVE:

Teoría queer.
Estética decolonial.
Monumentalidad.
Ficción política. Escritura
académica.

(UMA CONVERSA POR WHATSAPP OCORRE MINUTOS APÓS A VIRALIZAÇÃO DO VÍDEO QUE MOSTRA O INCÊNDIO DO MONUMENTO AO BANDEIRANTE BORBA GATO, EM SÃO PAULO. É 24 DE JULHO DE 2021, E AS REDES SOCIAIS EXPLODEM EM DEBATES ACALORADOS, OPINIÕES DIVERGENTES E INDIGNAÇÕES VARIADAS. TRÊS MULHERES, DE PERFIS E VISÕES DISTINTAS, DIALOGAM EM UM GRUPO PRIVADO, COMPARTILHANDO IMPRESSÕES, DÚVIDAS, CRÍTICAS E IRONIAS SOBRE O ATO, SUAS IMPLICAÇÕES SIMBÓLICAS E O MOMENTO POLÍTICO NACIONAL. ENTRE O CHOQUE E A REFLEXÃO, O GRUPO SE TORNA PALCO VIRTUAL DE UMA DRAMATIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA SOBRE MEMÓRIA, VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, RESISTÊNCIA E OS IMPASSES DAS LUTAS DECOLONIAIS NO BRASIL.)

Terceira mulher [15:29, 24/07/2021]

– Recebi esta foto em um grupo como sendo do Monumento do Borba Gato. Muito bom, me lembrou a música de Caetano. Surpreende por ter sempre estado oculto, quando deveria ter sido óbvio.



Segunda mulher [15:29, 24/07/2021] – Revolução Periférica!!!

Terceira mulher [15:29, 24/07/2021] – Cenas de paz e esperança ❤️🙏, repercutindo protestos globais contra a brutalidade policial e o racismo sistêmico, desencadeados pelo assassinato de George Floyd no ano passado, em 2020.

Segunda mulher [15:30, 24/07/2021] – Colston nadando nas águas geladas do Avon, em Bristol...

Terceira mulher [15:30, 24/07/2021] – Borba Gato ardendo em fogo em Sampa, repercutindo, talvez, um dos casos mais famosos do mundo, o #RhodesMustFall, em 2015. Quando um guindaste levantou a estátua do britânico Cecil John Rhodes do campus da Universidade da Cidade do Cabo, em África do Sul de seu pedestal e a transportou para uma base militar, os estudantes da universidade festejaram.

Primeira mulher [19:08, 24/07/2021] – Oi gente, boa noite. Só agora pude parar para comentar. Como historiadora, me dá uma aflição enorme esse tipo de cena, aliás, o derrube de monumentos coloniais nem é um fenômeno novo no mundo, já ouviram falar da queda do memorial a Hermann von Wissmann, em Hamburgo, em 1968? Mas isso é uma outra história. Por ora, preciso comentar que eu nunca vou entender por que uns podem ir lá e pôr fogo; outros podem ir lá e tirar, quebrar, jogar no rio, no mar, no lixo e não há consulta à maioria ou, pelo menos, a quem vive por ali ou a quem tem interesse em tratar do assunto. Na condição de brasileiros, somos descendentes de todos eles: dos indígenas que foram desde o início contra e, também, daqueles que andaram juntos; dos portugueses ricos, dos pobres e dos degredados; dos bandeirantes e dos jesuítas; dos africanos e dos imigrantes. Aí a gente “descobre” que houve desigualdade e injustiça em “certos” capítulos da história e resolve fazer justiçamento com estátua! Não que eu defenda Borba Gato ou qualquer outro. Mas falta coerência. Essas pessoas agora vão acabar com os demais monumentos duvidosos? Vale só para estátua ou os remanescentes

do luxo dos oressores também vão pagar? Vão demolir as igrejas? Afinal, a igreja avalizou toda a colonização, ou não? Vão incendiar os casarões dos barões do café que restaram? Colocarão fogo nas ruas e elevados que têm nomes de ditadores, torturadores e afins? Vão explodir a Ponte Rio-Niterói? Muitas ruas aqui perto de casa fazem referência aos antigos donos, fazendeiros escravocratas. A gente incendeia o bairro? Acho importante rever certos ícones, mas não à força. Já basta a força da lei usada pelo estado para que fossem impostos. Você não muda a história queimando estátuas, você apenas destrói patrimônio e apaga possibilidades de reflexão e de recriação. Mas é mais fácil botar fogo do que convencer os outros de que precisa mudar, né?! A meu ver, isso só põe combustível na polarização, e dá argumento para quem chama quem defende a mudança radical em favor da periferia, de vândalo. Seria bem mais legal apresentar uma proposta de intervenção na estátua. Retrofitar até, de repente. O fogo hoje é um símbolo muito mais caro a quem destrói (matas, arquivos, favelas...) e a quem defende reações ostensivas (armas). O pior de tudo é o momento; no fim, só mais uma destruição para tirar o foco da potência reunificadora e de reconstrução dos atos de hoje. Desnecessário, equivocado, lamentável e bem inoportuno.

Segunda mulher [19:37, 24/07/2021] – Concordo que esse caminho do diálogo seria o melhor se estivéssemos operando em uma democracia.

Primeira mulher [19:37, 24/07/2021] – Nós estamos numa democracia! Apesar de.

Terceira mulher [19:37, 24/07/2021] – Mas vejo que esse fogo é símbolo de um povo que não é ouvido, que vê a democracia e o diálogo estrangulados por políticos que fecham os olhos para tudo que está sendo feito. Acredito que a história de faz com revolução, inclusive incendiando estátuas coloniais que simbolizam a violência, a supremacia branca e o apagamento da história pré-colonial.

Primeira mulher [19:38, 24/07/2021] – Concordo que a história tem muitos instrumentos, mas será que a população vai fazer essa leitura do ato incendiário?

Segunda mulher [19:38, 24/07/2021] – Quem define, identifica ou explica qual a leitura de um ato como esse é porque sabe ou acha que tem muito poder, aliás, foi no contexto da formação inicial da modernidade ocidental, como ideia e projeto, que esse tipo de postura surgiu como um marco indispensável para dar sentido à diferença entre colonizadores e colonizados.

Terceira mulher [19:40, 24/07/2021] – E tem servido até hoje como um dispositivo da colonialidade na formação e solidificação da “civilização” ocidental moderna.

Primeira mulher [19:40, 24/07/2021] – Não é questão de ser mais ou menos civilizado, é que não acho que a gente precise apagar ou queimar a história. A gente precisa é aprender com ela.

Terceira mulher [19:40, 24/07/2021] – São respostas necessárias à violência da ordem colonial, significa e representa uma ruptura com o passado, essas estátuas representam as pretensões europeias ao poder, as supostas “missões civilizadoras” e a subjugação violenta das comunidades locais.

Primeira mulher [19:40, 24/07/2021] – Mas ao invés de destruir o que existe, poderíamos investir em construir novas referências, colocar novas estátuas e símbolos, nesse caso. E tem outra coisa que para mim é bastante preocupante. Se eu aceito derrubar símbolos da “direita”, como posso – no futuro ou em qualquer tempo – ser contra a destruição de referências da esquerda? Para mim, seria incoerente.

Terceira mulher [19:45, 24/07/2021] – Mas gente... Não é um “símbolo da direita” ... É um genocida, assassino, escravagista. Democracia é uma coisa, realmente, fascismo é outra. Eu vejo o ato como um protesto

urgente e conectado com a necessária pauta indígena, povos que estão completamente ameaçados. Não vejo como uma forma de apagar a história, é um manifesto, um símbolo de uma luta... Assim como aconteceu na Europa e nos EUA, em que estátuas como essa foram derrubadas e geraram debate.

Primeira mulher [19:45, 24/07/2021] – Fruto de um processo histórico, um regime de valores e um determinado contexto político e social, afinal, qual o debate? Que quem tacou fogo na estátua não sabia o que fazia? Não conhecem a história do país? Chamar de fascista um cara que viveu 200 antes da existência do fascismo é certo? Tratar como escravagista um cara que era explorador do sertão e não bandeirante de apresamento de indígenas? Não sei que debate ele quis abrir, talvez que nosso sistema de ensino esteja muito ruim mesmo... E amanhã, no futuro, se a direita tomar conta do país totalmente? E querer destruir as estátuas de Lula, Che Guevara etc.? Pode? Para eles, poderá.... Mas não quero polemizar. É só minha forma de ver.

Segunda mulher [19:46, 24/07/2021] – Eu acho necessário muito cuidado ao ver isso mais uma vez como uma polarização entre direita e esquerda, porque não é.

Terceira mulher [19:46, 24/07/2021] – Passamos por isso aqui em Fortaleza uma época dessas. Tinha um Centro Cultural da Juventude chamado Che Guevara... o novo prefeito quis mudar. A cidade não aceitou.

Segunda mulher [19:46, 24/07/2021] – Existe debate democrático e existe o governo estabelecido hoje.

Primeira mulher [19:46, 24/07/2021] – E existe a história.... onde tudo isso se insere. Vejam o exemplo de Niterói, em maio a Prefeitura dessa cidade no Rio de Janeiro lançou uma consulta pública para os moradores decidirem se queriam dar o nome do ator Paulo Gustavo à atual Rua Coronel Moreira César, no bairro de Icaraí. A pergunta respondida foi “Você concorda com a substituição do nome do Coronel Moreira

César pelo Paulo Gustavo no nome da importante rua de Icaraí?” A consulta aconteceu e a população escolheu substituir o nome da rua que homenageava o tal coronel, o “corta-cabeças”. Tá entendendo? Toda uma cidade pode saber de fato quem foi o Moreira César, quem foi Paulo Gustavo e que homenagear aquele não tinha mais sentido algum, ele nunca representou o povo de Niterói e é isso que acho minimamente adequado, civilizado, promover atos para se levantar um debate e, aí, sim, construir uma *outra história...*

Segunda mulher [19:59, 24/07/2021] – E quem disse que com o ato do Borba Gato não se está fazendo uma *outra história*? No contexto atual ele é simbólico, sim. E como eu disse, foi um manifesto muito importante. E vale lembrar que a desigualdade e as injustiças não foram apenas em certos capítulos de nossa história. Elas estão presentes até hoje e são a base da nossa falsa democracia. Quem disse que a história está naquela estátua fora de contexto e não na sua tentativa de derrubada... E outra: a extrema direita fascista já não está fazendo isso? A retirada de livros do acervo da Fundação Palmares? A inação que levou a perda de acervo da Cinemateca? A retirada do nome de várias pessoas negras da lista da Fundação Palmares? Enfim, respeito demais o ponto de vista de vocês, mas a história está sendo feita, sim.

Primeira mulher [19:59, 24/07/2021] – Essa retirada de livros não foi aceita. Nos manifestamos dentro de vias democráticas. A Palmares teve de voltar atrás.

Terceira mulher [19:59, 24/07/2021] – Pra mim, esse evento de hoje teve a força que o momento pede. Houve uma ameaça de golpe essa semana, além de tudo que estamos vivendo nos últimos anos... Achei necessário.

Primeira mulher [20:03, 24/07/2021] – Esse é o ponto. Para mim é coerência. Sou radicalmente contra essa “cultura do cancelamento”. Para qualquer lado. Durante grande parte da história humana, as pessoas sempre desafiaram os pontos de vista umas das outras e é isso o

que importa, essa cultura do cancelamento é um equívoco e, aliás, uma ideia profundamente contestada no discurso político do país. Desculpe a insistência, acho super compreensível a sua posição até certo ponto, mas, sinceramente, tem sido muito grande o nosso esforço para reagir à violência desse governo genocida, que ameaça a democracia todo dia. Não sou contra reagirmos com mais ênfase, pelo contrário, às vezes é a única saída, mas, veja: com milhões de mortes causadas pela gestão temerária da pandemia; pessoas negras e pobres assassinadas na periferia a cada dia; violência contra mulheres e jovens crescendo assustadoramente; a escalada dos preços de tudo e esse desemprego alarmante... usar uma polêmica anacrônica num país analfabeto funcional me parece um erro tático, bem tosco para criar consenso em torno do cansaço do “povo que não é ouvido”. Não foram indígenas nem quilombolas que queimaram a estátua. E hoje o dia tinha um foco! Não precisava dar mais munição para quem nos chama de “terroristas, criminosos, esquerdopatas...” etc. aliás, termos tirados agora de comentários em jornal sobre o caso.

Segunda mulher [20:31, 24/07/2021] – Eu concordo com a preocupação sobre o “apagamento da história” e a urgência do debate... Mas penso também sobre essa coisa de tolerância com intolerância. Não dá pra bancar o Buda cercada de skinhead. E olha – não, eu não acho que os Estados Unidos sejam exemplo de nada, só citei o que foi feito lá. Teve movimento assim também aqui na América Latina, na África... A coisa é mais complexa. É um debate super necessário, sim! Agora... se foi um erro tático? Sei lá. Pode ter sido. Mas, olha, foi um manifesto importante. Vi uns vídeos bons, se alguém quiser, eu compartilho.

(SILENCIO BREVE, RESPIRA)

Só me incomoda essa mania de imitar os EUA... como se fossem os faróis morais da civilização. Por favor, né? Eles mal sabem onde fica o Brasil no mapa, mas estão sempre prontos pra mandar a conta. E quer saber o pior?

(IMITA TOM PROFÉTICO E SARCÁSTICO)

Anota aí, hein, vai que em 2025 eles metem o Trump de volta na Casa Branca. Aí pronto, o apocalipse vem de gravata vermelha e spray de bronzeador. E adivinha quem paga o pato? A gente, como sempre. Já tô vendo: taxação dobrada pro Brasil porque alguém do STF resolveu processar um terraplanista texano!

(RI SOZINHA, AMARGA)

Na real? Tem dia que é difícil defender a esquerda... Mesmo estando nela até o pescoço.

Primeira mulher [22:13, 24/07/2021] – Bom, deu para perceber que temos visões diferentes sobre o episódio, mas acho que a questão central não é se é história sendo feita ou apagada, ou não. Fazemos um pouco e apagamos um pouco a história todo dia. Esse é de fato outro bom debate. Em todo caso, o problema para mim foi a forma violenta e não mobilizadora, e o momento. Meu sentimento foi de algo malfeito e mal pensado, que, por isso veio para atrapalhar. Tenho vários amigos que vão bem mais longe em duvidar das boas motivações dessa iniciativa. Caso alguém saiba direito quem fez isso, talvez seja válido sugerir que se posicionem um pouquinho melhor. O post abaixo foi só um dos questionamentos de amigos comunistas. Só reproduzo porque também recebi o mesmo num grupo anarco-punk. Gentes bem diferentes entre si e todas na órbita da esquerda estão estranhando esse ato de “revolução” por aqui. Enfim. Com certeza há uma história sendo feita aí.



Edu Goldenberg @edugoldenb... · 1h
Eu não caio nessa: esse ~perfil~ (que ~assume~ o ataque à estátua em São Paulo) foi criado há apenas uma semana e publicou, ontem, uma série de ~filmes~ muito bem filmados e editados sobre a ~ação~. Podem apostar: tem dedo dos milicianos do [@planalto](#) nisso aí.



Revolução Periférica

@revolucaoperifa

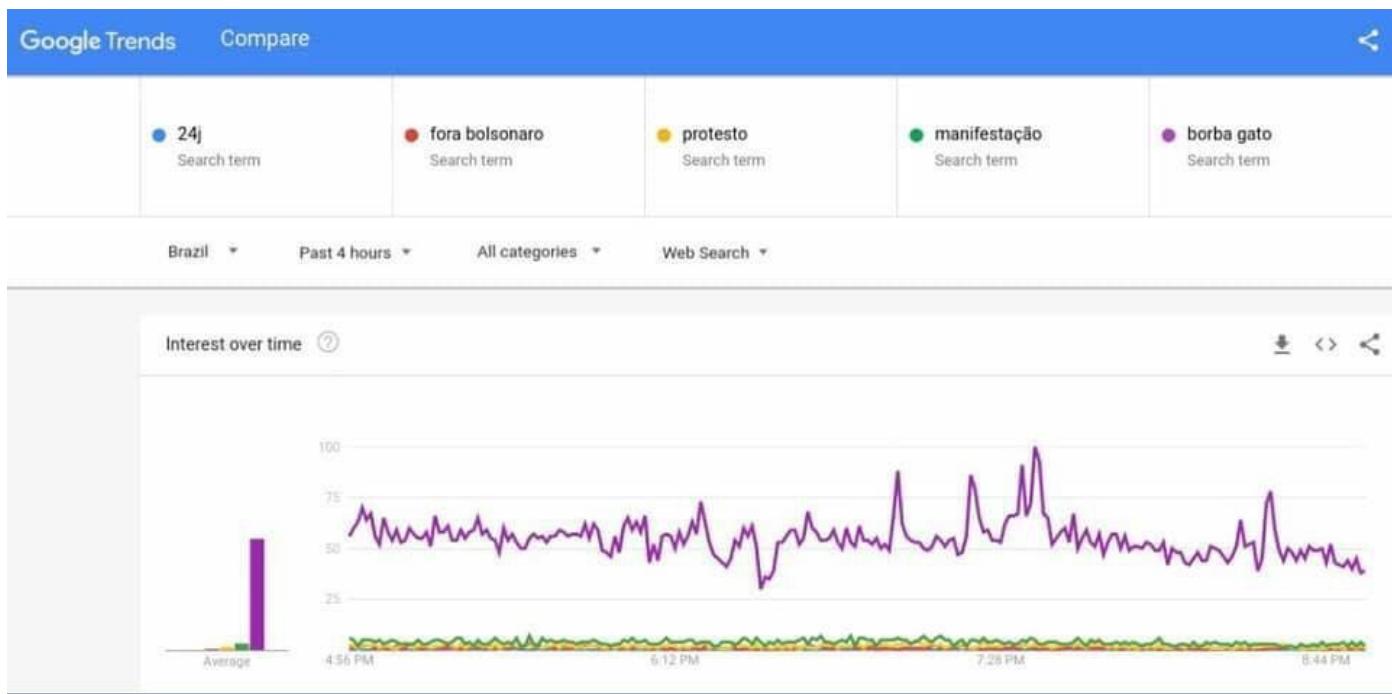
Entrou em julho de 2021

0 Seguindo 2.845 Seguidores



Seguido por xico sá, Leonardo Attuch, Galo #revoluçãoperiférica...

Terceira mulher [22:23, 24/07/2021] – Recebi outro *print* agorinha, vejam
abaixo. Fiquei pensando melhor sobre o assunto...



E aí, vamos continuar a debater sobre o Monumento do Borba Gato,
tão rico, tão respeitoso?

Primeira mulher [22:23, 24/07/2021] – Claro, é sempre saudável. Até amanhã, vou dormir agora.

Terceira mulher [22:24, 24/07/2021] – Até amanhã...

Terceira mulher [09:44, 28/07/2021] – Oi gente, bom dia. Como vão?
Quanto silêncio nesses últimos dias. Viram que hoje? O Galo, Paulo Roberto da Silva Lima, acabou de se apresentar voluntariamente à Polícia Civil de São Paulo para prestar depoimento. Ele disse que o objetivo do incêndio era abrir um debate sobre o monumento a um “genocida e abusador de mulheres”, nas palavras dele. E conseguiu...
Pelo menos aqui no nosso grupo Rsrssrs

Segunda mulher [09:45, 28/07/2021] – Tenho lido muito sobre esse assunto na internet desde dia 24. O que mais me chamou a atenção foi a expressão “giro decolonial”, é como se a história fosse cíclica. Homens considerados heróis, dignos de homenagens estão sendo colocados à prova por um revisionismo que particularmente acho justo. Essas pessoas são homenageadas por quê? Por matar, por serem racistas e genocidas??? Deem lugar a outras figuras que necessitem de homenagem.

Terceira mulher [09:51, 28/07/2021] – É sobre isso, emancipação e libertação.

Segunda mulher [09:52, 28/07/2021] – Gente, desculpa, não consegui mesmo me desligar desse assunto. Vocês conhecem a instalação do performer Abel Azcona, “España os pide perdón”? Se não, vejam aqui <https://abelazcona.art/espagnaospideperdon>, conheci através de um texto do Djalma Thürler e do Duda Woyda, vale ler.

Terceira mulher [09:55, 28/07/2021] – Eu já conhecia o Abel Azcona, outras performances dele, mas essa ainda não conhecia.

Primeira mulher [09:56, 28/07/2021] – Qual texto?

Segunda Mulher [09:58, 28/07/2021] – “O equilíbrio precário entre arte e realidade: em Abel Azcona”. Eles falam uma coisa muito legal sobre esse debate, que o “Abel Azcona acredita que algumas obras de arte existem para lembrar, precisamente, aquilo que se quer esquecer e, por isso não acha que derrubar estátuas seja a ação decolonial mais potente” (Thürler, Woyda, 2020, p. 49).

Primeira mulher [10:00, 28/07/2021] – É o que eu acho, sempre achei.

Segunda Mulher [10:01, 28/07/2021] – Com “España os pide perdón” aconteceu isso, em maio de 2020, a mensagem “España os pide perdón”

foi lida em uma multidão de cartazes que encheram a capital de Cuba e mais 20 cidades onde a Espanha deixou sua marca colonial.

Primeira mulher [10:02, 28/07/2021] – Sim, uma intervenção urbana, um trabalho de instalação que insere a frase no dia a dia do cidadão. Vai pro trabalho: “España os pide perdón”. Volta do trabalho: “España os pide perdón”. Vai pra escola: “España os pide perdón”... pra gerar capacidade crítica e reflexiva do público. (**SUSPIRA, DIGITANDO COM RAIVA CONTIDA**), incrível.

Terceira mulher [10:03, 28/07/2021] – É isso. Não é só o gesto artístico isolado, é o modo como ele se infiltra no cotidiano. O Azcona espalhou a frase como se fosse um vírus... Mas, ao contrário da COVID, esse vírus acorda. Desnaturaliza. Dá febre de consciência.

Segunda mulher [10:04, 28/07/2021] (**SORRI DIGITANDO**) – Sim! E é lindo porque a frase não vem com ponto final. “España os pide perdón” ... mas não diz como, nem quando, nem por quê. É um pedido suspenso. Uma provocação. É como se a própria cidade se tornasse um corpo em disputa, pedindo desculpas sem saber exatamente como se redimir.

Primeira mulher [10:06, 28/07/2021] – Exato. E o mais potente: não é um museu que diz isso. É a rua. É a parede da padaria, a fachada da escola, a vitrine da farmácia. A cidade colonial pedindo desculpa por si mesma.

Terceira mulher [10:07, 28/07/2021] – E tem outra coisa... Azcona não queima estátuas, ele queima o olhar. Ele faz você ver o que você prefere esquecer. Não é só destruição, é disputa de narrativa. É pedagogia radical.

Segunda mulher [10:08, 28/07/2021] – E no Brasil? Quem vai pedir perdão? O Estado? A elite? A estátua carbonizada? Ou a gente vai continuar dizendo que “não se pode apagar o passado”? Como se o passado não estivesse sendo reescrito o tempo inteiro, à força, à bala, à fome.

Primeira mulher [10:09, 28/07/2021] – Talvez a gente precise espalhar nossos próprios cartazes: “O Brasil deve um pedido de perdão”. Pelas chacinas, pelos indígenas dizimados, pelos presídios cheios de gente preta, pelas travestis mortas nas calçadas, pelas mulheres que tomam 61 socos dos maridos dentro de um elevador. Talvez a arte no Brasil precise parar de pedir licença.

Terceira mulher [10:11, 28/07/2021] – Acho que já parou faz tempo. Galo não pediu licença. Azcona não pede licença. A gente que ainda hesita, que ainda debate nos bastidores, nos grupos de zap. Mas isso aqui, essa conversa, já é um ato de performance.

(PAUSA)

Somos a instalação. A fala escrita, o texto interrompido, a narrativa coletiva.

Segunda mulher [10:13, 28/07/2021] – Sim. E talvez o verdadeiro incêndio seja esse: o da linguagem. O das palavras que queimam o discurso dominante e deixam só a cinza da dúvida.

Primeira mulher [10:14, 28/07/2021] (**SUSPIRA, DIGITA DEVAGAR**) – Mas... uma coisa é colar cartaz, outra é botar fogo numa estátua. Eu entendo a crítica, entendo a raiva, mas ainda me pergunto se esse tipo de ação não acaba reforçando os estereótipos sobre a própria esquerda. (**PAUSA**) Sabe? A imagem do “baderneiro”, do “desordeiro” ... Isso cola. E cola com força.

Terceira mulher [10:15, 28/07/2021] (**SIMPLES, DIRETA**) – Cola, sim. Mas sabe o que mais cola? O concreto da estátua. Cem anos de homenagem a um estuprador e assassino. Isso sim é colado com cimento ideológico. O ato do Galo foi radical, mas foi coerente. É aquilo: o fogo não foi só destruição, foi denúncia.

Segunda mulher [10:16, 28/07/2021] – E também não dá pra comparar literalmente. Azcona trabalha na lógica da performance conceitual,

num circuito que ainda tem algum espaço simbólico pra acolher o gesto, mesmo que desconfortável. O Galo rompe com tudo. Ele não pede curadoria, nem edital, nem vernissage. Ele queima a moldura.

Primeira mulher [10:17, 28/07/2021] – Mas será que esse tipo de gesto não se esvazia rápido? Virou meme, virou manchete por um dia e pronto. Ninguém mais fala do Borba Gato, só do fogo.

Terceira mulher [10:18, 28/07/2021] – Mas olha onde a gente chegou. Dias depois, ainda discutindo. O Galo virou assunto no nosso grupo, nas universidades, nas escolas. Se não foi o gesto “mais potente”, como o Azcona diria, foi, no mínimo, um detonador. E às vezes, o que falta é isso: alguém que acenda o fósforo.

Segunda Mulher [10:18, 28/07/2021] – Foi tudo tão simbólico, né? O Galo se apresentando, falando em “genocida” e “abusador de mulheres” ... E a gente aqui, debatendo pela primeira vez a história dos bandeirantes sem romantismo. Uma estátua em chamas abriu um espaço de escuta que a escola nunca ofereceu.

Primeira mulher [10:19, 28/07/2021] – Mas sabe o que mais me incomodou? É que teve gente mais preocupada com o concreto do Borba Gato do que com as mortes pela COVID, com os corpos pretos que seguem sumindo, como se o fogo numa estátua fosse mais grave que o fogo cruzado nas favelas. E olha que loucura: todo mundo indignado, fazendo textão... enquanto o governo Bolsonaro fica esquecido, em segundo plano. Desaparecia no meio da fumaça. O incêndio virou espetáculo e eles, mágicos de ocasião, escapavam pela cortina.

Segunda mulher [10:19, 28/07/2021] – Às vezes fico pensando se a gente não tá só girando entre indignações... Sabe? A cada semana uma polêmica, uma tragédia, uma faísca... A gente discute, compartilha, se emociona, mas... e depois? O que muda?

Primeira mulher [10:20, 28/07/2021] – É... Eu também me pergunto isso.

Porque, sendo honesta, eu não colocaria fogo em nada. Não subiria numa estátua. Não enfrentaria polícia. E me incomoda me sentir “menos esquerda” por isso.

Terceira mulher [10:21, 28/07/2021] – Mas ninguém tá exigindo isso de você. A luta não tem uma única forma. Tem quem vá pra rua, tem quem escreva, quem eduque, quem plante bananeira numa praça se for preciso. (**PAUSA**) O que não dá é pra achar que só porque a ação é desconfortável, ela é inválida. A história é feita por desconfortos.

Segunda mulher [10:22, 28/07/2021] – E tem outro ponto... A quem interessa que a gente divida a esquerda entre os “radicais” e os “cautelosos”? Bolsonaro segue lá, firme, sorrindo no cercadinho. Enquanto a gente se esfarela discutindo método, ele ganha narrativa.

Primeira mulher [10:23, 28/07/2021] (**SILÊNCIO DIGITADO, DEPOIS UMA RESPOSTA MAIS BRANDA**) – Talvez eu só tenha medo. Medo de ver tudo descambar pra violência sem volta. Já vi isso acontecer antes...

Terceira mulher [10:24, 28/07/2021] – Medo é parte da luta. Eu também tenho. Mas o medo não pode ser maior que a vergonha de se calar. (**PAUSA LONGA**) E olha só: mesmo com medo, você tá aqui. Debatendo. Escrevendo. Isso também é agir.

Segunda mulher [10:25, 28/07/2021] – É isso. Às vezes um grupo de zap é mais revolucionário do que parece.

Primeira Mulher [10:26, 28/07/2021] – Acabou de passar um helicóptero aqui, será que vão montar um Borba Gato 2.0, versão blindada?

Segunda Mulher [10:28, 28/07/2021] (**RINDO**) – Capaz. E com QR Code, pra dar “aula de história oficial” na Paulista. (**PAUSA, TOM MAIS SÉRIO**) Mas falando sério, a estátua caiu simbolicamente. E isso, pra mim, é uma vitória. Ainda que pequena. Ainda que efêmera. Ainda que o governo

tenha usado isso pra fingir que era só “caso isolado”, “vandalismo”, enquanto seguia desmatando, matando de fome, sufocando a educação e a cultura.

Terceira Mulher [10:28, 28/07/2021] – E daqui a pouco, se a gente bobear, tem o Trump de volta lá nos EUA, e o Bolsonaro-2 aqui, reencarnado num avatar mais soridente, mas com o mesmo DNA de destruição. Já pensaram? 2025 chega e a distopia vira calendário oficial.

Primeira Mulher [10:30, 28/07/2021] (**SARCÁSTICA**) – Aí pronto, né? A estátua do Borba Gato vai parecer progressista perto da realidade. Vamos sentir saudade do cavalo de bronze.

Segunda Mulher [10:31, 28/07/2021] (**RINDO**) – Não duvida não... do jeito que a coisa anda, a estátua vai virar “patrimônio da resistência branca” e o Trump vai lançar uma filial da Havan em Mato Grosso. (**PAUSA, MAIS SUAVE**) Mas seguimos. Com Galo, com Azcona, com arte, com fogo simbólico e com coragem. Porque se depender da história oficial, a gente segue apagada.

Primeira mulher [10:32, 28/07/2021] (**SORRI, DIGITANDO DEVAGAR**) – Imagina a aula de história de 2030: “crianças, aqui temos a maquete da estátua do Borba Gato, queimada em 2021. Era um marco do revisionismo histórico nacional, e hoje é patrimônio tombado da Fundação Brasil Paralelo.”

Segunda mulher [10:33, 28/07/2021] (**RINDO**) – E logo depois, intervalo com hino da independência remixado pelo DJ do Carluxo.

Terceira mulher [10:34, 28/07/2021] – E a gente achando que a distopia ia vir com robôs e chips na testa... Ela veio com cloroquina e live gospel.

Primeira mulher [10:35, 28/07/2021] (**RINDO**) – Com direito a wi-fi estatal bloqueado pra quem escreve “genocida” no Twitter.

Segunda mulher [10:36, 28/07/2021] – Mas olha... ainda assim, a gente segue. A gente escreve, ensina, performa, cozinha pra protesto, cola cartaz, discute no grupo. Não parece muito, mas é o que impede a máquina de triturar tudo de uma vez.

Terceira mulher [10:37, 28/07/2021] – É isso. Ser pedra no caminho da história oficial. (**PAUSA BREVE**). Quem sabe, um dia, nossos *prints* virem documento de luta.

Primeira mulher [10:38, 28/07/2021] – Ou roteiro de peça.

Segunda mulher [10:39, 28/07/2021] – Ou poema de parede.

Terceira mulher [10:40, 28/07/2021] – Ou só isso mesmo. Silêncio entre amigas tentando entender o mundo antes que ele desmorone de vez.

Primeira mulher [10:41, 28/07/2021] – Ainda bem que a gente se encontra aqui.

Segunda mulher [10:41, 28/07/2021] – Mesmo sem concordar em tudo.

Terceira mulher [10:42, 28/07/2021] – Sobretudo por isso. Que venham as chamas certas. As que iluminam, não as que destroem.

(**LUZ BAIXA. A ÚLTIMA MENSAGEM FICA PISCANDO
COMO UMA NOTIFICAÇÃO NÃO LIDA. FIM.**)

EPÍLOGO (Voz Off)

(PARA SER USADO COM LUZ BAIXA, LENTAMENTE DESCENDO, ENQUANTO
AS ÚLTIMAS MENSAGENS AINDA PISCAM EM CENA OU NA PROJEÇÃO;
SUGESTÕES SONORAS ESTÃO EM ITÁLICO)

Voz off (FEMININA, ÍNTIMA, FIRME)

(SOM DISTANTE DE HELICÓPTERO. UMA NOTIFICAÇÃO DE CELULAR SOA,
DISCRETA. DEPOIS, SILENCIO)

Não houve explosão.

(PAUSA BREVE)

Não houve confronto direto.

(NOVA PAUSA. SONS MUITO TÊNUES DE DIGITAÇÃO, QUASE INAUDÍVEIS)

Não caiu governo...

...nem foi eleito novo mundo.

Houve um grupo de mensagens.

(PING DE NOTIFICAÇÃO. FADE OUT RÁPIDO)

Entre vozes femininas, nem sempre em uníssono —

mas sempre em urgência.

Discussões em tempo real.

Sobre símbolos em ruína.

Políticas em chamas.

Arte como desvio, gesto, provocação.

(LEVE SOM AMBIENTE DE CIDADE — TRÂNSITO AO LONGE, BUZINA ABAFADA,
VOZES INDISTINTAS — TUDO MUITO DIFUSO)

Não há heroínas nesta peça.

Há mulheres que duvidam.

Que hesitam.

Que se contradizem.

E, ainda assim... permanecem.

Na palavra.

Na crítica.

Na ironia.

No afeto.

*(SOM DE FOGO CREPITANDO SUAVEMENTE. DEPOIS, UMA RISADA CURTA, REAL,
COMO VINDA DE OUTRO CÔMODO.)*

O incêndio do Borba Gato foi só uma fagulha.

O que está queimando, de verdade... é a paciência histórica.

(SILÊNCIO)

E se a História oficial insiste em monumentos,

nós deixamos aqui outro tipo de marco:

Conversas de madrugada.

Inquietações.

Riso nervoso.

Prints.

Links.

Memes.

Medos.

E pequenas utopias.

(NOTIFICAÇÃO FINAL. PING SUAVE. DEPOIS, SILÊNCIO ABSOLUTO.)

Que essas trocas, quase invisíveis,

sejam preservadas.

Talvez não como memória.

Mas como semente.

*(LUZ FINAL BAIXA ATÉ ESCURO TOTAL.
SILÊNCIO PLENO POR 3 SEGUNDOS. FIM.)*

REFERÊNCIAS

THÜRLER, Djalma. A linguagem queer e a desmistificação do monumental. *PÓS: Revista Do Programa De Pós-graduação Em Artes Da EBA/UFMG*, 13(27), 73-90. 2023. <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41723>.

THÜRLER, Djalma; WOYDA, Duda. O equilíbrio precário entre arte e realidade: em Abel Azcona. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras – UNEB, v. 10, n. 2, p. 43-66, 2020. DOI: 10.30620/p.i.v10i2.10837. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/10837>. Acesso em: 29 jul. 2025.

DUDA WOYDA – Pós-doutor, Doutor e Mestre em Cultura e Sociedade pela UFBA, pesquisa novas articulações do político nas artes da cena. Professor Visitante da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor Colaborador da UFBA. Componente da ATeliê voadOR Teatro, do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Cultura e Sexualidade (UFBA) e do Grupo de Pesquisa História da Cultura, Sociedade e Mídias (UPM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0561-2666> / E-mail: dudawoyda@gmail.com